ISSN: 2358-8829

FALAR DIFERENTE NÃO É ERRAR: ENTENDENDO A VARIAÇÃO E A MUDANÇA LINGUÍSTICA

Irahilda Coutinho da Silva [1]
Maria Eduarda Santos da Cunha [2]

INTRODUÇÃO

A língua portuguesa expressa-se como um fenômeno vivo, dinâmico, histórico e inerentemente heterogêneo. Longe de constituir um sistema estático, uniforme ou perfeitamente homogêneo, o idioma transforma-se continuamente no tempo e no espaço, assumindo contornos singulares a depender dos estratos socioeconômicos, dos grupos etários, dos gêneros, das regiões geográficas e dos contextos comunicativos em que se atualiza. Contudo, persiste no imaginário social brasileiro a crença equivocada de que existe apenas uma forma "correta" e legítima de falar, pautada em rígidas prescrições de gramáticas normativas elaboradas em contextos históricos e sociais distantes da realidade cotidiana dos falantes.

Nesse cenário de tensão entre a norma prescrita e o uso efetivo da linguagem, emerge o preconceito linguístico. Conceituado por Bagno (2007a) como uma das modalidades mais sutis, perversas e mascaradas de discriminação, o preconceito linguístico utiliza a linguagem como um mecanismo ideológico para perpetuar a exclusão e a marginalização de parcelas historicamente desfavorecidas da população.

Construções populares e espontâneas como *"nóis vai"*, *"a gente fomos"*, *"pobrema"*, *"célebro"* ou marcas de identidade regional como *"ôxente"*, *"mas bah" e "uai, sô*" são habitualmente rotuladas como "erros crassos", "mutilações do idioma" ou sinais de incapacidade cognitiva, ignorando-se a coerência interna, a lógica fonológica e a riqueza sociocultural inerentes a essas realizações.

Frente a essa problemática, este estudo propõe aprofundar as bases conceituais sobre a variação e a mudança linguística no Português Brasileiro.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

[1] Graduanda do Curso de Letras da Universidade de Pernambuco - UPE, irahilda.csilva@upe.br;
[2] Graduanda pelo Curso de Letras da Universidade de Pernambuco - UPE, mariaeduarda.cunha@upe.br;

ISSN: 2358-8829

A presente investigação adota uma abordagem qualitativa de caráter bibliográfico, fundamentada nos princípios metodológicos da pesquisa analítico-conceitual e da sociolinguística aplicada. O procedimento metodológico baseou-se no levantamento, seleção, fichamento e reflexão crítica de obras fundamentais de Marcos Bagno sobre preconceito linguístico e pedagogia da variação, bem como na interlocução com textos clássicos da linguística, da sociologia e da filosofia da linguagem.

Para ilustrar e categorizar os fenômenos analisados, tomou-se como objeto de estudo empírico-conceitual o material visual do pôster *"Falar diferente não é errar"*, apresentado no Congresso Nacional de Educação (CONEDU). Os dados e construções linguísticas presentes no pôster foram agrupados em quatro categorias analíticas de análise qualitativa:

- (a) Variações morfossintáticas e de concordância *("nóis vai", "a gente fomos")*;
- (b) Fenômenos fonético-fonológicos e processos de mudança *("pobrema", "pobrema", "célebro","cardaço")*;
- (c) Estruturas de reforço semântico e redundância *("entrou pra dentro", "saiu pra fora")*; e
- (d) Marcas de identidade e variação diatópica/regional *("ôxente", "mas bah", "meu rei" "uai, sô", "mano do céu", "oxe")*.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Natureza Heterogênea da Linguagem e a Crítica ao Mito da Língua Única

A concepção da linguagem como um sistema homogêneo e estático constitui uma abstração teórica desmentida pela própria dinâmica social dos idiomas. A língua se realiza na interação concreta entre sujeitos historicamente situados. Como leciona Mikhail Bakhtin (2011), a linguagem é atravessada por forças centrípetas (que buscam a unificação e a centralização normatizadora) e forças centrífugas (que impulsionam a descentralização, a variação e o plurilinguismo real). Em suas palavras:

"A palavra da língua é uma palavra semiprópria. Ela só se torna 'própria' quando o falante a povoa com sua intenção, com seu acento, adaptando-a à sua própria intenção semântica e expressiva" (BAKHTIN, 2011, p. 298).

No Brasil, contudo, a norma-padrão, uma construção idealizada e baseada em modelos literários de épocas passadas, é frequentemente confundida com a própria língua. Marcos Bagno (2007a) denuncia veementemente esse equívoco ao apontar o surgimento do mito do "português único":

> "O preconceito linguístico se alicerça na sobrevalorização da gramática normativa e na negação da realidade linguística do país. Cria-se o mito de que o português do Brasil é uma língua homogênea e que 'brasileiro não sabe português', ignorando que a variação é a regra, e não a exceção, de qualquer língua viva" (BAGNO, 2007a, p. 38).

De acordo com Bagno (2007b), classificar as manifestações populares como "erros" revela um desconhecimento dos mecanismos científicos que regem a linguagem. O que a tradição gramatical chama de "erro" é, na perspectiva sociolinguística, a aplicação de uma regra gramatical diferente daquela preconizada pela norma culta elitizada.

Bourdieu (1998) explica que o espaço social funciona como um mercado no qual os discursos são avaliados e cotados de acordo com o capital cultural e simbólico de seus emissores. A norma dita "culta" torna-se a língua legítima porque é controlada e transmitida pelas classes dominantes por meio de instituições como a escola e os meios de comunicação. Conforme destaca o autor:

A Coerência Interna das Variedades Populares e os Processos Linguísticos

A Sociolinguística demonstra que as formas variantes da língua popular não decorrem do descuido, da preguiça ou da falta de raciocínio lógico dos falantes, mas sim de processos históricos e fonético-estruturais universais.

Da mesma forma, a variação em *"nóis vai"* ou *"a gente fomos"* reflete uma tendência de simplificação das concordâncias verbais que ocorre em diversas línguas do mundo (como no inglês, no qual a conjugação verbal no presente é praticamente uniforme para quase todas as pessoas gramaticais). A concordância expressa-se no pronome (*nóis* / *a gente*), tornando redundante a marcação plural cumulativa no verbo.

Por fim, as variantes diatópicas ou regionais, como *"ôxente"* e *"meu rei"* (Nordeste/Bahia), *"uai, sô"* (Minas Gerais), *"mas bah"* (Rio Grande do Sul) ou *"mano do céu"* (São Paulo/Sudeste), constituem marcadores essenciais de identidade socioespacial.

ISSN: 2358-8829

Reduzir essa riqueza cultural à categoria de "fala incorreta" representa um apagamento das identidades regionais e da diversidade que constitui a nação brasileira.

A Pedagogia da Variação Linguística e a Educação Emancipatória

Frente à constatação de que a língua é plural, a escola precisa reformular profundamente suas práticas de ensino de Língua Portuguesa. A abordagem tradicional, baseada na fixação de nomenclaturas e na punição das formas variantes populares, deve dar lugar a uma *Pedagogia da Variação Linguística* (BAGNO, 2007).

Essa concepção pedagógica não defende o abandono do ensino da norma-padrão. Pelo contrário: defende-se que o aluno tem o direito de dominar a norma de prestígio para poder circular com autonomia nos diferentes espaços sociais. Contudo, essa aprendizagem deve ocorrer por meio do conceito de adequação comunicativa, e não pelo combate ou estigmatização da língua materna do estudante.

Ao acolher a bagagem linguística do estudante e ensinar a variação como um recurso de adequação ao contexto (situações formais *versus* informais, texto escrito *versus* fala espontânea), o ensino de língua cumpre seu papel ético e emancipatório: forma cidadãos críticos, capazes de usar a linguagem com flexibilidade, segurança e consciência social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise teórico-conceitual articulada aos elementos do pôster *"Falar diferente não é errar"* permite organizar as discussões em três dimensões fundamentais para a formação docente e o ensino de Língua Portuguesa:

1. Desconstrução da Noção Punção do "Erro"

Ficou demonstrado que expressões consideradas erroneamente como "anomalias" (*"nóis vai"*, *"pobrema"*, *"célebro"*) possuem perfeita funcionalidade comunicativa e obedecem a regras sociolinguísticas coerentes. O conceito restritivo de "erro gramatical" mostra-se inadequado para descrever a linguagem oral viva. Em seu lugar, a sociolinguística propõe o conceito de variedade inadequada ao contexto, quando utilizada em situações formais que exigem o registro culto da escrita.

2. Valorização das Identidades Culturais e Regionais

3. As Implicações para a Formação Docente e a Práxis Pedagógica

Os resultados indicam que os professores de língua materna necessitam de uma sólida formação sociolinguística para romper com posturas preconceituosas na sala de aula. A postura docente deve transitar da *orientação prescritiva purista* para a *mediação sociolinguística*, desenvolvendo nos estudantes a competência comunicativa — isto é, a capacidade de adequar o uso da língua de acordo com o interlocutor, a intenção, o meio e a situação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso analítico desenvolvido neste artigo reafirma que falar diferente não é errar. A variação é elemento inerente, estruturante e enriquecedor do Português Brasileiro. O preconceito linguístico, sustentado no mito do "português único" e na supervalorização da gramática normativa prescritiva, revela-se como um instrumento ideológico de manutenção de desigualdades sociais.

Com base nas reflexões de Marcos Bagno, articuladas com as contribuições de Bourdieu, Bakhtin e Freire, conclui-se que o ensino de Língua Portuguesa deve superar a lógica do erro punitivo. O caminho para uma educação linguística democrática exige o acolhimento da sociodiversidade dialetal que os estudantes trazem para a escola, promovendo o ensino da norma culta não como a "única forma correta", mas como uma ferramenta a mais no repertório comunicativo do falante.

Palavras-chave: Variação linguística, Preconceito linguístico, Marcos Bagno, Sociolinguística, Ensino de Língua Portuguesa.

ISSN: 2358-8829

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Edusp, 1998.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.